



Julho a Dezembro 2018

Nº 52 • 3ª SÉRIE

CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



NESTE NÚMERO

- TERTÚLIAS ACADÉMICAS
- VISITA LOCAL
- VOZ DA FILANTRÓPICA

- PASSEIO DO OUTONO
- FIM DE ANO
- VIAGEM GEÓRGIA/ARMÉNIA

- ESPAÇO POESIA
- ESPAÇO ABERTO
- ESPAÇO OPINIÃO



Magnífico Reitor Rui de Alarcão
- Faleceu em 20 de agosto de 2018



Incêndio florestal de Pedrógão Grande



PÁG.

03	EDITORIAL
04	EM DESTAQUE Tomada da Bastilha
07	A VOZ DA FILANTRÓPICA OS NOSSOS PASSEIOS
08	Cá Dentro - Passeio do Outono
10	Cá Dentro - Fim de Ano em Armação de Pera
11	Lá Fora - Geórgia e Arménia
15	ESPAÇO POESIA
16	TERTÚLIAS ACADÉMICAS
16	VISITAS LOCAIS
17	ESPAÇO OPINIÃO
18	IN MEMORIAM
19	ESPAÇO ABERTO
20	CONFERERÊNCIAS
23	NOTÍCIAS BREVES

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:
www.aaec-lisboa.com

Rui de Alarcão: um “gentiluomo”



Por José de Faria Costa
Professor Catedrático e
Presidente do Conselho
Directivo da Faculdade
de Direito da U. C.
Provedor de Justiça

Sou avesso a ler elogios, que logo aparecem, de personalidades que nos deixaram há pouco e, mais avesso ainda, a escrever sobre elas. E sou-o porque quem escreve, nessas circunstâncias, está tomado pela emoção que a morte sempre desencadeia e todo o seu juízo não é medido pela rasoira da ponderação, o que faz com que a desmesura impere e com ela se quebrem até os cânones mínimos da mais elementar estética do rigor. Sendo certo, como todos sabem, a estética do rigor alimenta-se da emoção, mesmo sendo a mais desenfadada, talvez exija mesmo esta para mostrar o esplendor da criatividade — e quem disser o contrário erra ou mente com descaro — mas já não da desmedida incolor e estéril que só se quer satisfazer a si mesma. A que acresce, não poucas vezes, se verem escancaradas palavras, em volteios de sibilino cinismo, que não visam, como devia ser, aquele a cuja memória se quer dar preito de homenagem mas antes têm o propósito de, solenemente, quererem enfeitar com penas de pavão o ridículo chapéu de quem escreve.

Por isso, quem diz sim, de forma séria, autêntica e comprometida, a uma tal empresa, e que não tem o dever institucional de a levar a cabo, tem de ter tino, humildade e coragem, porquanto o terreno que vai pisar está pejado de armadilhas que o próprio constrói para si mesmo e que os outros quando o lerem não deixarão de lançar, para atingirem as interpretações mais estapafúrdias, bizarras ou até malévolas.

Não obstante todo este perigoso pano de fundo, disse sim — e quem nos impede de dizer sim, porque sim; quem nos impede? — ao pedido para escrever algumas breves palavras sobre Rui de Alarcão. Sim. Mas fi-lo, para lá do fáustico “porque sim”, porque nele, entre outros tantos méritos de jurista, político, universitário de raiz, reitor, amante das “*belles lettres*” — facetas que outros tão bem já realçaram nos mais diferentes palcos da escrita e da fala — havia uma mais qualquer coisa de autêntico, de indecifrável e de construção antiga. Havia nele um lado de superior, gentil e profunda discrição, compostura e reserva que sempre me tocaram. É, pois, este pedaço de vida, de vida vivida, que me vai servir para me curvar perante a sua memória.

Por razões várias, por caminhos também muito diferentes e em cadências temporais não menos dispare, bom é de perceber, eu e o Senhor Doutor Rui de Alarcão éramos muito amigos da Senhora Doutora Maria de Nazareth Lobato Guimarães. Por certo, o nome desta ilustríssima Senhora muito pouco dirá a tantos ou a tantíssimos daqueles que, eventualmente, me leiam. Mas posso afirmar, sem rodeios e sem necessidade de fiadores, que era uma querida Colega — que vinha de uma amputada geração anterior onde, de maneira incompreensível e intolerável a todas as luzes, as mulheres dificilmente ou quase nunca entravam nas Faculdades de Direito —, uma universitária de superior inteligência e de um trato gentil, sóbrio e recatado que, às vezes, de tão recatado, poderia parecer ingloria soberba. Mas não. Era tudo menos ostentação de tal manhoso artefacto de que os “pequenos” se servem para parecerem “grandes”, se bem que mostrasse sempre, disso não se coibindo, ter, de forma firme e clara, “*une certaine idée de l’Université*”. Mas aqui não é Maria de Nazareth que importa é antes e definitivamente Rui de Alarcão.

Rui de Alarcão não foi meu Professor de Direito das Obrigações. Mas foi ele que, nesse ano, me fez a prova oral, muito embora a leccionação das aulas teóricas tivesse estado nas mãos de Antunes Varela. Desde aí percebi — com alguma relutância ou dificuldade na primeira impressão, confesso, por mor dos meus verdes anos — o seu sentido de rigor, a sua reserva, a sua compostura hierática, o seu distanciamento quando julgava. Rui de Alarcão assumia, sem condições, que o acto de julgar, o acto de avaliar, o acto de decidir sobre o mérito, era um momento de tal importância que se lhe devia entregar de forma inteira e despojada. E isso só se conseguiria com a reserva e o distanciamento enriquecedor que levaria à classificação justa, se bem que sempre conseguido de jeito nunca deselegante e, outrossim, sem, em circunstância alguma, menoscar o pouco ou o muito conhecimento do aluno.

E os anos foram passando e de aluno cheguei, um dia, a seu Colega e, seguindo em mansidão o rio da vida, também a Senhora Doutora Maria de Nazareth continuava a ter a gentileza de me receber em sua casa para, com ela, tão amante de café como eu, tomar... um café. E conversarmos. É neste convívio de verdadeira amizade, sagradamente semanal, que me impunha, ao Domingo a meio da tarde, a mim mesmo, sem qualquer sacrifício, que me vou apercebendo, sem jamais a Senhora Doutora Maria de Nazareth o dizer expressamente ou sequer o deixar cair ou menos insinuar, bom é de ver, dos inumeráveis e sublimes gestos de gentileza que Rui de Alarcão — e também, justo é dizê-lo, de sua mulher, Eliana Gersão — tem, sem parança, para com Maria de Nazareth. Até ao momento em que o contínuo e inexorável afastamento desta de todos nós a fez libertar-se da “lei da morte”. E tudo sempre feito, por Rui de Alarcão, como se fosse uma brisa, um “*venticello*”, um nada que é tudo.

Os nadas de que somos feitos pouco valem se não houver um nada escondido que dê sentido a todos os outros para, assim, o caos se poder ver em ordem. Rui de Alarcão tinha esse nada.

98ª TOMADA DA BASTILHA



Foi com a mesma exaltação manifestada no Editorial que prestámos o sentido preito ao ex-Magnífico Reitor Rui de Alarcão na 98ª comemoração da Tomada da Bastilha, a que presidiu durante 17 anos consecutivos! Bem-haja pela sua presença constante e pela incomparável atenção que dedicou aos Antigos Estudantes de Coimbra - todos o disseram!

Como manda o protocolo (ainda que ajustado ao jeito académico...), a presidente da Direcção da Associação anfitriã, Fátima Lencastre, em nome dos Órgãos Sociais em palco:

Começou por saudar todos os convivas, dando o devido relevo ao Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor João Gabriel Silva, e ao Vice-Reitor, Prof. Doutor Ramos de Carvalho, pela primeira vez no exercício da tutela das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra (AAEC); os sempre esperados representantes da Associação Académica de Coimbra; os presidentes ou representantes das AAECs do Porto, de Coimbra, do Algarve, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde; os presidentes ou representantes de instituições congéneres que interagem com a nossa: Casa dos Açores, Casa de Goa, Casa da Académica em Lisboa, Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça e UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa). Realçou então o espírito de solidariedade que a AAEC tem estendido às sucessivas gerações da jovem Academia

ao longo dos 27 anos da sua vivência, irmanando-nos na "cruzada" de manter inalteráveis a dignidade e prestígio da vetusta Universidade e de perpetuar os seus valores de exemplar tradição. Continuou agradecendo o patrocínio dos Delta Cafés e do Casino Estoril, reconhecendo, na pessoa do seu presidente do Conselho de Administração, as atenções e ajudas prestadas pela sua insubstituível equipa. Anunciou então - reiterando a gratidão que desde logo mereciam - as actuações dos intervenientes no Show Nosso, a saber:

- A **Associação 24 de Setembro - Ballet, Música e Teatro Africanos**, pedindo uma ovação especial na pessoa do seu presidente, professor Gamboa Marques, que acedeu generosamente partilhar connosco danças tradicionais da Guiné-Bissau e danças afro: Afrigui Amizade de Linha da Sintra e Inferno do Kuduro vs ADP.
- A **TAUC (Tuna Académica da Universidade de Coimbra)**, em dois estilos diferentes, de idêntica qualidade: Orquestra e Big Band Rags.
- O jovem **Grupo "Serenata ao Luar"**, que dedicou a lendária Serenata de Coimbra aos também já lendários vultos cultores do Fado e Canção coimbrãos que nos deixaram recentemente, Augusto Camacho Vieira e António Sutil Roque, com Nuno Cadete e António Sousa Mendes à guitarra e Luís Martins e Manuel Pera à viola e

as vozes de Ricardo Neves e Arménio Marques dos Santos, a acompanhar as Evocações nas palavras dos respectivos sobrinhos, José Paulo Camacho Vieira e Arménio Marques dos Santos.

A concluir as suas palavras de boas vindas e agradecimentos, apelou ao espírito académico e sua permanência incólume perante as ausências e adversidades que só o fortificam na sua transmissão às gerações futuras.

Seguiu-se a entrega pelo presidente do Conselho Fiscal ao Magnífico Reitor da habitual bolsa de estudo para um aluno carenciado do Instituto Universitário Justiça e Paz, após a qual foi dado início ao Programa, com aplausos e manifestações de apreço por todas as intervenções e, no final... surpresa das surpresas! uma animação para além das expectativas por parte de quase todos os convivas a fazerem jus, dançando a preceito, à música esfusante da Big Band Rags!!!

Aqui se registam para a posteridade as **Evocações** a:

AUGUSTO CAMACHO VIEIRA

(Homenageado em vida na 92ª Aniversário Tomada da Bastilha 2012)

"No passado dia 24 de novembro de 2018, na 98ª comemoração da "Tomada da Bastilha", levada a cabo no Casino Estoril pela AAEC, coube-me enquanto único sobrinho fazer a evocação de Augusto Camacho Vieira, falecido a 13/3/2018 em Carnaxide, Oeiras.

Nessa evocação dei conta do homem bondoso e fraterno, tolerante e amigo do seu amigo, do médico cirurgião ortopedista de excelência, que dedicou a sua vida enquanto tal, ao desporto nacional e em especial ao futebol.

Falei do cantor, do intérprete e compositor da canção coimbrã que levou com a sua voz inigualável o nome da sua querida Coimbra a todos os sítios do "mundo" por onde andou.

Finalizei esta evocação solicitando ao Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, à Senhora Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e restante Direção, bem como às Ex.mas autoridades Camarárias da cidade de Coimbra, que com o seu empenho, que sei existir, ajudarem a cumprir a sua última vontade, que não era mais que descansar para a eternidade ao lado do seu amigo Luiz Goes, no cemitério da Conchada na cidade que considerou durante toda a sua vida, como sua".

Por José Pedro Paixão Camacho Vieira

ANTÓNIO SATURNINO SUTIL ROQUE

"Menino e moço (quatro anitos!...) levaram seus Pais da casa de família, nas raianas planuras de Campo Maior para os verdejantes picos da ilha de S. Miguel, este rouxinol de Bernardim a haver!...

À sombra de Antero e no liceu que o tem por patrono fez os preparatórios. Como ele e tantos outros, ruma a Coimbra em 52 onde completa Medicina em 58, para aportar definitivamente a Lisboa: interno e internista nos Hospitais Cívis, serviço militar como médico da Marinha, médico da TAP, do Hospital da CUF, mas também João Semana, calcorreando ruelas e calçadas, pelos velhos e pobres bairros da Graça, Alfama, São Vicente e Castelo e deslocando-se diariamente ao Albergue da Mitra, por aí deixava um rasto indelével de simpatia e generosidade.

Em 1964 casa, em Santo Tirso, com Fernanda Sousa Cruz da burguesia culta e industriosa local.

Talvez não por acaso – Camilo e São Miguel de Seide são ali ao lado – foi certamente o

seu último e fatal amor de estudante, este que durou muito mais que uma hora e, de tão velhinho e imorredoiro, ainda se não foi embora. Em Lisboa lhes nasceram os três filhos: Maria João, Pedro Manuel, na senda do Pai médico "Neurocirurgião" e a Maria Alexandra.

Mas, o que aqui nos traz hoje é evocar a memória da sua arte de bem cantar Coimbra no que, aliás, falecidos ambos naquele aziago dia 13 de Março, se irmana com o outro homenageado, Augusto Camacho Vieira, seu Amigo mais velho e Colega de profissão e também destas eternamente amadoras lides artísticas coimbrãs.

Logo se inscreveu no Orfeão e na Tuna Académicos, de que veio a ser solista e com os quais, no íterim do curso ou pouco depois, fez inúmeras viagens: Brasil, Espanha, Angola, Açores e Madeira e de novo o Brasil, tendo participado em 57 na primeira serenata transmitida pela RTP, junto aos velhos Estúdios do Lumiar.

Em 54 estreou-se em público no Teatro Avenida e gravou em 56 os seus três primeiros fados, editados em 58, com os seus colegas de geração – Luiz Goes e Fernando Machado Soares, acompanhados por Jorge Godinho, António Portugal, Levy Baptista e Manuel Pepe. Em 1961 participa na gravação de um LP do Orfeão Académico de Coimbra, preparatório da sua viagem à América no ano seguinte, onde é acompanhado pelo seu amigo maior, Jorge Tuna. Voltou a participar em gravações conjuntas, em 1985, para a UNICEF e, em 2005, num CD – "Coimbra nos meus Fados" – de homenagem, e também uniautoral, com fados e canções de Ângelo Araújo. (1)

Mas a sua coroa de glória, que incessantemente se repete no tempo, como elegíaco canto de despedida daquele *tempo breve, como o voo da ave (L. Goes), que a fortuna não deixa durar muito (M. Alegre)*, será, certamente, a interpretação, pela primeira vez e para a récita do sexto ano do seu curso médico de 52-58, da Balada de Despedida do amigo açoriano, Machado Soares.

E tudo começou ao acaso de uma noite em que se junta a um grupo de amigos do Orfeão que, à luz da lua ou da coada e difusa iluminação do candeeiro, fazia uma

serenata. E nunca mais deixou de cantar até o fazer pela derradeira vez cerca de dez dias antes de nos deixar, na Casa do seu Alentejo de menino, em espectáculo organizado pela *Tertúlia do Fado e da Inquietação!* Desejando-lhe o melhor êxito na intervenção cirúrgica a que ia sujeitar-se dentro de dias, dele, afinal, se despediu o Agostinho Pereira de Miranda, membro fundador dessa Tertúlia, velho e comum amigo, dedicando-lhe um Fado de Lisboa. Seus acompanhantes últimos aí, foram, dos aqui presentes, – o Luís Martins, o Nuno Cadete, o Manuel Pêra e o António João –, o primeiro e o segundo, todos seus recentes mas grandes e disponíveis amigos e admiradores.

Como a muitos de nós, se lhes marejaram os olhos, rasos de água, ao mesmo tempo que, a custo, dedilhavam as, já por si condoídas, cordas das guitarras e das violas, e o Francisco Costa fazia soar o canto triste e doce da flauta, no velório na Igreja da Senhora dos Navegantes, ao Parque das Nações. Os dois primeiros acompanharam também, na missa de corpo presente, os membros daquela Tertúlia – Fernando Coelho Rosa e Manuel Relvas – em melodias de fados transformadas em cânticos litúrgicos. – Como se ainda, todas essas harmonias, as pudesse ouvir e embalado fosse por elas na viagem que fazia....

Com ele aprendemos a arte e o estilo de bem cantar Coimbra. Sem que a voz jamais lhe doesse, a partir de Lisboa e por toda a vida, continuou a irradiar esses cantares de amigo e de amor. Como aliás Camacho Vieira e alguns daqueles companheiros de geração a que devem juntar-se José Afonso, Fernando Rolim, Barros Madeira e outros. – Nascidos para a arte naquela tradição de mais de um século, é uso dizer que integraram o neomodernismo da chamada segunda geração de ouro do Fado ou da Canção de Coimbra, onde, aliás, cada um soube manter a sua inconfundível singularidade.

Todos recordamos vividamente a sua voz cristalina, melódica, suave e doce, o seu silabar perfeito, o lirismo, a vibrante entrega, a expressividade e o sentimento que punha nas suas interpretações.

¹ Cfr. Págs. 275 (Fado da Mentira), 317 (Fado das Andorinhas), 324 (Fado das Minhas Penas), 572 (Fado da Noite), 714 (Suspiro D'Alma), In "Reportório da Canção Coimbra, Composições Estróficas (1840-2015)", de José Anjos Carvalho e António Manuel Nunes, DG edições, Linda-a-Velha, (Lisboa) 2018. – Para a UNICEF, em 1985, gravou "Samaritana" que, não sendo uma composição estrófica, não consta desta obra.

Notável a sua abertura ao novo – cantou magnificamente muitas baladas de José Afonso e Luíz Goes – e o seu atencioso e disponível companheirismo para com as gerações que, no fluir do tempo, lhe foram sucedendo.

Ninguém pode olvidar também a gentileza e a simplicidade amável e elegante do seu trato, o seu sorriso contido e afável, o seu afectuoso acolhimento, a

sua desmedida generosidade.

Na sua Mulher e na sua Filha mais velha, aqui presentes, saudamos o que de íntimo, pessoal e vivo ficou da sua memória. No quanto dele recebemos fica a promessa de a manter viva, continuando a cultivar os clássicos que nos deixou gravados.

Em jeito de conclusão desta singela homenagem, vamos lembrar, aqui e agora, um dos primeiros fados que gravou – *O Fado*

da Mentira – e o último que interpretou – *Incerteza* – na Casa do Alentejo, em 1 de Março de 2018, com os acompanhantes referidos, para logo nos deixar a 13 desse mês. E, claro, a *Balada de Despedida*, do seu sexto ano médico de 58:

*Quem me dera estar contente
Enganar a minha dor...
Arménio Marques Santos*



Continuamos a diligenciar a assistência possível aos Colegas em situação de doença e de perda de familiares; mantemos presença junto de cada aniversariante através de cartões com os dizeres personalizados da inspiração do Arménio Hall, que já os preparou até final de 2020 (deixando desde já a cargo da Maria Claudina os relativos aos 8 últimos Sócios inscritos).

Bem hajás, Arménio, pela tua manifesta grandeza de alma!
As actividades promovidas pela Filantrópica neste semestre:

I – MAGUSTO DE S. MARTINHO / FILMES DE VIAGENS

Numa tarde soalheira o famoso Magusto de S. Martinho realizou-se na sede da Associação com 42 convivas, com os acepipes e momentos poéticos habituais; aproveitámos para rememorar as antepenúltima e penúltima viagens feitas por esta Associação, através da exibição de filmes de fotos do (especialista) António Martins – *Picos da Europa e Trieste/Eslovénia/Croácia*.

II – ALMOÇO DE NATAL

É, desde sempre, o evento que mais congrega o desejo de convívio com a disposição de corresponder aos apelos de solidariedade (material e imaterial).

Neste ano, cerca de 100 "natalícios", após um repasto a condizer, aplaudiram do coração o **Grupo Coral Ad-Hoc** pela excelência de um inédito repertório de 9 canções alusivas à quadra:

Vai Nevar (Let it Snow) – *Pinheiro de Natal* (O Tannenbaum) – *Som Bem Bom* (Silver Bells)

Linda Noite – *Olhei para o Céu* (Natal de Elvas) – *Noite de Paz* (Stille Nacht) – *Hino de Louvor* (Joy to the World) – *Nasceu o Rei dos Reis* (Hark! The Herald Angles Sing) – *Adeste Fideles*, com a maestria musical do Alberto Pereira ao piano e do Correia da Cunha na voz "dirigente".

Foi também apreciada a 1ª **Exposição** da pintora Ana Gadé, que o Nuno Lages apresentou sucintamente, visando a filosofia subjacente à obra: passa essencialmente por um conceito de "Democratização da Arte".

O "**Momento de Natal**" anunciado na Circular destinava-se à venda e leilão de bonecas e outros objectos feitos pelos assistidos na IPSS de Castelo Branco (dirigida pela nossa Associada Milú Pombo); por excesso de encomendas, a nossa foi remetida para a Páscoa.

Para colmatar esta lacuna imprevista, a inspiração adveio-me dias antes ao ouvir a Conceição Caldeira recordar os anos em que, na qualidade de Coordenadora da Área Educativa da Guarda, representou os Ministros da Educação na então Escola Preparatória de Pinhel (minha terra natal) em sessões públicas de atribuição anual do Prémio Escolar José da Silva Pardalejo, meu Pai e também minha Mãe a partir dos 5 anos. Assim o apresentei aos ouvintes, que desde logo aplaudiram. Tanto quanto a memória consente, declarei que este Pai foi o melhor exemplo de honestidade, perseverança no trabalho, nobreza de alma, diplomacia, compreensão e abertura às diferenças e inteligência que nenhum dos seus 5 filhos igualou sequer.

Mas... que me criou o desencanto de não usar o seu apelido mais identitário e por todos respeitado no distrito, com a justificação de que "Pardalejo" era pesado para as meninas (a minha irmã e eu), registando-o apenas para os 3 rapazes.

Conhecedor desse descontentamento, Roberto Carneiro, Ministro

da Educação em 1990, sugeriu-me que honrasse o meu Pai por muitas gerações através da instituição de um prémio escolar que ele próprio oficializou aprovando o respectivo "*Regulamento do Prémio José da Silva Pardalejo*" – Despacho nº 102/ME/91-D.R. nº 174 de 31-7-1991, preambulado com:

"Considerando que a licenciada Maria de Fátima Lencastre Silva Ascenso pretende instituir um prémio escolar com o intuito de ser prestada pública e duradoura homenagem a seu pai, José da Silva Pardalejo..."

Li então os requisitos e regras fundamentais aí fixados:

Depósito na Caixa Geral de Depósitos de determinada quantia (que fiz e fui reforçando) à ordem do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Pinhel, que apura anualmente o montante do prémio, fazendo-o acompanhar de uma obra literária e de um diploma alusivo feito por cada um dos alunos do ano terminal e aprovado em concurso – inovação visando interessar saudavelmente todos os alunos e professores envolvidos desde o início de cada ano.

O prémio é atribuído em sessão pública participada por toda a comunidade escolar, mediante escolha por uma comissão gestora, ao aluno ou aluna que conclua a escolaridade obrigatória reunindo cumulativamente as seguintes condições:

- Disponha de reduzidos recursos económicos;
- Obtenha bom aproveitamento escolar;
- Manifeste exemplar comportamento moral.

Nos primeiros anos, vi o meu Pai: entregar o prémio e ser ovacionado por autoridades civis (Governador Civil da Guarda e Câmara Municipal de Pinhel), militares, religiosas, políticas (Director Regional de Educação do Centro); entregar o diploma alusivo premiado; assistir ao coro e orquestra das 2 escolas com cânticos dedicados ao homenageado e aos premiados e ouvir a Mensagem que todos os Ministros têm enviado anualmente, felicitando o homenageado, os premiados e a instituidora.

Falecido em 1996, a sua segunda Mulher, minha Madrinha, substituiu-o a meu pedido, continuando eu no papel menos visível de dar uma importância e uma lembrança ao artista do diploma escolhido.

Neste ano ocorreu a 28ª sessão pública, que se foi transformando na maior festa escolar, tendo sido premiadas 2 meninas (70% têm sido meninas); a Escola tem acompanhado os percursos de vida de todos os premiados e já fez um DVD celebrando cada um dos 20 anos decorridos. Hoje interrogo-me sobre se o meu sistemático comedimento ao recusar a publicitação a nível nacional deste incentivo à educação (muito requerida) não terá prejudicado a ocorrência de gestos similares.

E, vencendo todas as hesitações, aqui divulgo pela 1ª vez – e convosco – esta expressão de amor filial e partilho o mais valioso legado do meu Pai: **o culto pela verdade sem cedências**, como matriz de toda a vivência familiar, profissional, social e associativa; dizia ele:

"pratica sempre a verdade e terá autoridade para exigir dos outros a verdade".

Manifestações genuínas de comoção e apreço demonstraram ter valido a pena esta exposição de alma, afinal motivada apenas pelo dever de cumprir o prometido "Momento de Natal".

Não menos apreciada foi a costumada **Serenata de Coimbra**, com o apreço que naturalmente desperta o "conluio" entre o sénior grupo *Porta Férrea* e o júnior *Serenata ao Luar*.

Fátima Lencastre

CÁ DENTRO

PASSEIO DE OUTONO

“NA ROTA DO FOGO NO PINHAL DO INTERIOR”

12 A 14 DE OUTUBRO DE 2018

O apelo (que já vem de longe) dos autarcas com poder/dever local nos concelhos atingidos pelos grandes incêndios de 2017 – no sentido de o turismo ser direccionado para essas áreas – levou a Direcção a deliberar contribuir na medida do possível quanto a visitas e à disponibilidade de alojamento. Assim, foi elaborado um programa que termina com visitas à Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Castelo Branco, de que é dirigente a nossa Associada Maria de Lurdes Pombo.

Esta intenção de solidariedade concretizou-se logo no primeiro dia no serão do Hotel da Montanha onde confraternizámos com o Presidente da Câmara Municipal da Sertã. Houvimos as suas narrativas das calamidades que afectaram o seu território e trocámos recordações, como ilustra esta acima. Este passeio foi descrito por Teodósio Salgueiro nestes termos:

“Começámos por visitar, na região de Rio Maior, a Casa Senhorial d’El-Rei D.Miguel, assim chamada porque D. Miguel pernitoitou aqui a convite do proprietário Joaquim Maria. Visitámos também o Museu, no qual há várias peças duma Vila Romana descoberta em 1983.

Seguidamente fomos ver as Salinas ou Marinhas de Sal, situadas 3 km de Rio Maior e a 30km do mar. Tudo começou há muitos milhares de anos, embora o documento mais antigo referente às salinas seja de 1177. Com efeito, neste ano os proprietários Pero Baragão (ou d’Aragão) e sua mulher Sencha Soares



venderam as Templars a quinta parte que tinham do poço e Salinas de Rio Maior, as quais ficam no sopé da Serra dos Candeeiros. Esta por ser calcária, tem numerosas falhas na rocha, por onde se infiltra a água da chuva, formando cursos de água subterrâneos. Um destes atravessa uma profunda jazida de sal-gema e alimenta um poço que está no centro das salinas, donde se extrai a água, que é sete vezes mais salgada que a do mar. Esta jazida ocupa uma vasta área entre Torres Vedras e Leiria e formou-se há milhões de anos, depois do recuo do mar que ocupava a região. É do poço que brota a única nascente de água salgada que abastece os 450 compartimentos denominados “talhos” feitos de cimento ou de pedra e nos quais ocorre a evaporação que deixa depositados os cristais de cloreto de sódio que constituem a quase totalidade da mineralização da água. Por isso, o sal obtido é muito puro, com uma proporção ínfima de outros sais, como sejam os de magnésio. Até há pouco, a maioria dos produtores de sal eram agricultores, que

se dedicavam à produção de sal de Maio a Setembro, sendo os lucros divididos em partes iguais entre os proprietários dos talhos e eles. Atualmente, porém é a Cooperativa dos Produtos de Sal de Rio Maior, criada em 1979, que desenvolve a exploração e colheita do sal da maioria das salinas. Este sal é exportado para a Alemanha e Suíça, dada a sua elevada qualidade. A produção anual é de 2000 toneladas e a concentração é de 220g de sal, com 97% de cloreto de sódio, por litro de água. Podemos ver também um conjunto de casas de madeira, que eram armazéns de sal e que hoje são, na sua maioria, casas de comércio, uma vez que a maior parte do sal passou a ser guardada nos armazéns da cooperativa. Numa das lojas compraram-se amostras de diversos tipos de sal, destacando-se a “flor do sal”, que, nos dias mais quentes e sem vento, se forma à superfície como uma película de cristais de sal muito finos. Esta é muito procurada pelos verdadeiros apreciadores, uma vez que realça o sabor dos alimentos, visto não ter os tratamentos químicos a que o

vulgar sal de mesa é sujeito. Depois do almoço, seguimos para a povoação de Alcobertas, a norte das salinas. Aqui há a nascente da Ribeira das Alcobertas, chamada Olho d'Água. As pessoas vinham abastecer-se de água a este local, que está assinalado com uma lápide de 12-08-2018 e onde se lê "Obra de Requalificação da Nascente de Olho de Água de Alcobertas e Espaço Envolvente. Nesta região há bastantes grutas, habitadas por morcegos, pelo que visitámos a gruta de Alcobertas, na qual há a atual Igreja Matriz num dólmen, mais antigo que as Pirâmides do Egito, pois tem cerca de 6000 anos. Este dólmen ficou incorporado na igreja, de tal modo que é por esta que se faz o acesso a ele. Seguimos depois para Pedrogão Pequeno, que começou por ser uma vila, junto à margem esquerda do Zêzere, e hoje é uma aldeia branca, em granito, localizada numa vasta formação de xisto. Instalámo-nos no chamado Hotel da Montanha, próximo do qual há a Capela de Nossa Senhora da Confiança.

Dia 13 de Outubro – Pedrogão Pequeno – Aldeia do Xisto – Pedrogão Pequeno. Princiámos por ir à aldeia da Barroca, onde fomos ver o Centro Dinamizador da Casa Grande no qual há o registo arqueológico da arte rupestre. Fomos depois à pequena povoação de Janeiro de Cima, com as suas casas de xisto e calhaus rolados, a Igreja Velha do séc.

XVIII, o Centro Paroquial e a Casa das Tecedeiras, na qual se utiliza o linho, fibra antiga com a qual fazem peças de design moderno. Seguimos depois para Orvalho, onde almoçámos, e daqui para Oleiros, onde vimos uma pequena estátua do Padre António de Andrade, nascido em 1581 e falecido em 1634 e que foi escalador dos Himalaias e descobridor do Tibete. Visitámos a igreja em cujo altar-mor e paredes há azulejos azuis do século XVI e para o Pelourinho, erigido em 1455, a quando da elevação da povoação a vila, por decreto de D. Afonso V.

Dia 14 de Outubro – Pedrogão Pequeno – Sertã- Castelo Branco-Lisboa. Após uma paragem na Sertã, vila muito interessante, seguimos para Castelo Branco, cidade que teve origem num castro romano.

A visita foi orientada pela colega Maria de Lourdes Pombo, que tem aqui uma obra notável, com base na APPACDM: Associação de apoio às crianças com trissomia 21. Esta começou por atender 7 crianças, mas em 2017 este número chegou a 647. Princiámos pelo Centro Oficinal ou Sericícola da Quinta da Carapalha, onde se desenvolve um interessante projeto de criação do bicho-da-seda. Para isso, alguns funcionários deslocaram-se a Freixo de Espada à Cinta, onde podaram amoreiras e de lá trouxeram ramos que plantaram constituindo assim um

pomar de amoreiras de cerca de 2,5 km podadas para se obterem árvores mais pequenas e, portanto, mais acessíveis às crianças. As folhas são colocadas em tabuleiros grandes, de cerca de 1,80mX0,60 m, e em cada um deles há mais de 100 bichos-da-seda. Os casulos obtidos são sujeitos a uma cozedura para poderem ser desfiados. Passámos depois ao Museu da Seda, constituído por seis espaços e onde se faz a história da seda, começando pela Rota da Seda e pelo início da industria sericícola em Portugal, bem como pela implementação da produção da seda pela APPACDM de Castelo Branco em 1990. Esta produção é atualmente de 30-32Kg/ano. Após isto fomos à Capelinha de Nossa Senhora da Piedade, onde o altar é em talha muito bonita e nas paredes laterais há painéis de azulejos azuis. Os albicastrenses têm grande amor a esta Capelinha.

Seguidamente, visitámos o Museu de Interpretação do Bordado de Castelo Branco, inaugurado em 25-7-2017. Nele há panos de linho bordado a seda e pudemos ver a preparação dos casulos e fiação, bem como a criação do bicho-da-seda e a seda.

E com isto terminámos este muito interessante "Passeio de Outono".

E a Maria Alice Pleno de Gouveia expressou os seus sentimentos a respeito dos bombeiros desta forma poética:

“HONRA AOS BOMBEIROS”

Com sol de Verão em terra ressequida
 Árvores sedentas lutam pela vida
 Ansiosas buscam na terra profunda
 Uma humidade que já não abunda.
 Mais fundo procuram para sobreviver
 Para continuarem pródigas a ser
 Fontes de sabores e oxigénio,
 Mas o "ser racional" que se diz génio
 Parece irracional de tão demente
 Se lança ao chão uma "beata" ardente
 São lançadas ao chão por inconscientes?

Depois surgem labaredas e tristeza
 Pelo rasto de morte e ainda mais pobreza.
 Há vidas ceifadas, casas destruídas
 Obras de tantos a cinzas reduzidas.

Árvores queimadas ficam na memória
 Esqueletos erguidos de trágica história.
 Honrem-se os bombeiros, soldados da Paz
 Que arriscam a vida com esforço audaz".

Maria Alice Gouveia

FIM-DO-ANO DE 30 DE DEZEMBRO DE 2018 A 1 DE JANEIRO DE 2019

Por Manuela Coutinho



LISBOA / BEJA / ARMAÇÃO DE PERA

Antes de começar esta crónica convém deixar expressa a emoção que senti quando a Fátima gentilmente me solicitou para relatar o nosso evento.

Primeiro declinei o convite, mas posteriormente achei-me ingrata e orgulhosa ... aceitei.

Procuro que a minha memória seja curta nas mágoas, mas guardo com muito carinho, o quanto tenho recebido de bom.

Aliás, senti neste evento que fui muito bem aceite. Bem hajam, mas recordo com ternura o meu ingresso na Associação pela mão amiga do Brigadeiro Quintela e igualmente do Dr. Ângelo Araújo, que me ajudaram muito na altura em que fiquei viúva.

Pela mão do Brigadeiro Quintela publiquei no Jornal o Dia alguns artigos que escrevi, porque achou que havia neles sentimento e acutilância.

Pronto, cumpro o que o coração me ditou. Agora vamos à Viagem propriamente dita e é bom que em abono da verdade se deixa – Tudo Foi Perfeito, desde a comparência na Cidade Universitária à partida para Beja.

E francamente, o Museu Regional de Beja, instalado no Convento Nossa Senhora da Conceição desde 1927 sofreu uma mutação que permitiu abraçar outras colecções doutros conventos e palácios da região, incluindo não só o núcleo de pintura de mestres portugueses, espanhóis e holan-

deses como a colecção de ourivesaria, tão de agrado de todos.

A Adega Típica 25 de Abril esperava-nos para o Almoço, bem recheado de "comes e bebes".

De barriguinha cheia lá fomos à Sé Catedral (antiga Igreja de Santiago). De salientar o altar a S. Sezinando natural e padroeiro de Beja. Novamente a caminho, a chegar ao nosso destino.

O Hotel Holiday Inn recebeu-nos e há que fazer o check-in.

Segue-se um chá da tarde, com 3 bolos no bar "Boa Vista". O jantar buffet de boas-vindas com o tema "Noite Branca", música ao vivo para dançar no bar "Boa Vista". Em 31 de Dezembro de 2018 - Armação de Pera, visita a Paderne.

Pequeno almoço especial, dizendo adeus ao ano velho. Às 10 horas fomos a Paderne aldeia rústica, muito antiga. Fenícios, Romanos, Visigodos e Árabes deixaram

as suas marcas. E eis-nos a visitar à Casa Museu do Acordeão. Pelo espólio podemos aquilatar todo um passado religiosamente guardado, que foi inaugurada a 20 de Agosto de 2011. Impunha-se visitar a Igreja Matriz, com exemplares dos sec. XVII e XVIII, salientando-se a imagem barroca do Arcanjo S. Miguel. O Restaurante Veneza esperava-nos para nos mostrar os seus usos e costumes na região, que a todos agradou.

Regresso ao Hotel. Preparar-nos convenientemente para o jantar de gala buffet "Réveillon" no Restaurante Pôr do Sol. À meia-noite um brinde bem forte ao "Ano Novo 2019". Fogo de artifício nos terraços. Depois da meia-noite ceia ligeira às primeiras horas, com música ao vivo para ouvir e dançar. A alegria pairou no ar e o Ano Novo surgia cheio de esperança, paz, amor e um dinheirinho à mistura, "valeu"?

Em 1 de Janeiro de 2019

Pequeno almoço buffet. Brunch de Ano Novo com música ao vivo. O fim da viagem aproximava-se. Mas uma surpresa aconteceu-me: meu filho mais novo e meu neto vieram despedir-se de mim antes de eu regressar a Lisboa. Vieram de Lagos, onde vivem. Trouxeram-me um casaco que eu tinha esquecido aquando da consoada. Soube-me muito bem começar assim o Ano. Afectos são afectos, não acham?

Bom, mas a partida chegou e o regresso a casa, Lisboa também.

Boas Energias para este Ano.





LÁ FORA VIAGEM À GEÓRGIA E ARMÊNIA

DE 5 A 16 DE SETEMBRO

Por Maria Guerra Prazeres



Nas Linhas Aéreas Turcas 22 associados e amigos deixaram o País rumo à Geórgia e Arménia. Chegados a Istambul esperaram pelo avião que os levou até Tbilisi, capital da *Geórgia*, onde foram recebidos pela guia Nino, falante de português com sotaque brasileiro, mas muito compreensível. Teve como acompanhante a Helena, com um excelente português aprendido durante um ano que permaneceu em Lisboa, inserida no programa Erasmus.

A Geórgia é um país com 69 700 Km² de superfície, situado no Cáucaso entre a Europa e a Ásia, que faz fronteira com a Rússia, Azerbaijão, Arménia, Turquia e o Mar Negro a oeste. Durante 200 anos estiveram anexados à Rússia, mas em 1991 declararam a sua independência. A sua bandeira, a bandeira das 5 cruzes tem a cor branca e vermelha, que significa respectivamente a luz divina e o sangue derramado durante as guerras com a Tailândia. As cruzes significam que todos os inimigos foram mortos honradamente.

Conduzidos ao *Hotel Ramada Encore Tbilisi*, descansámos um pouco, após 12h de viagem, pois o almoço esperava por nós... A visita a *Tbilisi*, fundada no séc. V e banhada pelo rio Mtkvari (Kura em russo), começou pela Praça da Europa, Palácio da Justiça, zona dos banhos públicos de águas sulfurosas, onde se situam a mesquita, sinagoga, igrejas ortodoxa georgiana, arménia e católica. A subida de teleférico à *Fortaleza Narikala*, do séc. IV, principal cidadela da cidade, permitiu-nos observar uma bela panorâmica da cidade, com a Torre da TV e a estátua da Mãe Geórgia (nome dado pelos russos) no alto da montanha. Descendo visitámos a *Catedral Sioni*, do séc. II, que contém o crânio de S. Tomé e St^a. Nino que chegou à Geórgia no séc. IV para ensinar o cristianismo. Também visitámos a *Basilica de Anchiskhati*, construída na 1^a metade do séc. XVI.

No dia 7 foi necessário uma "prova de esforço", para se chegar à cidade das cavernas e túneis escavados nas rochas, a cidade de *Uplistsikhe*, fundada nos

finais do II milénio a.c. Foi um importante centro de trocas comerciais da Rota da Seda até ao séc. XII. Subimos imensos degraus, com piso escorregadio para vermos o *Teatro*, em frente às arquibancadas, de paredes lisas e tectos com elementos de arquitectura ocidental. Continuando a subida alcançámos a *sala da rainha Tamar*, que era linda, sábia, poderosa e se intitulava rei, *a adega* e *a Basilica de 3 naves*, que tinha em frente o altar e um buraco para o sacrifício dos animais, na época do paganismo. Não podia faltar a *sala do pilar*, do séc. XV-XVI, com forno, sofá e espaço para TV !... De regresso ao autocarro seguimos até *Gori*, cidade natal de José Estaline, grande revolucionário, que usou mais de 30 apelidos, mas a partir de 1913 passou a chamar-se Estaline, que significa aço. Visitámos o *Museu* onde se pode ver o desenvolvimento do socialismo, a história da sua vida e a máscara da sua morte em 1953, devida a um derrame cerebral. Também se visitou a casa onde nasceu. Em seguida ao almoço partimos para

Mtskheta, a antiga capital da Geórgia, Património da Humanidade pela Unesco detentora de muitos monumentos históricos e arquitectónicos. A visita incidirá na *Igreja de Yvari* (séc. VI-VII) e a *Catedral de Svetitshoveli* do séc. XI, um dos lugares sagrados do país, que alberga os túmulos de Stª. Sidónia e do rei que mudou a capital. Ao sair fomos "abençoados" pela chuva que caiu em força....

No dia seguinte rumámos em direcção ao *Grande Cáucaso*, que faz fronteira com a Federação Russa, para qual os georgianos precisam de visto para entrar. Começando a subir surgem cavernas que os monges ascetas habitavam e belas paisagens com povoações entre as montanhas, ladeadas pelos rios. As vacas passeiam nas bermas das estradas. A paisagem é deslumbrante !. Montanhas e montanhas ao alcance dos nossos olhos !. Também as noqueiras, macieiras, marmeleiros e as colmeias no vale fazem deste percurso uma maravilha da natureza !. Já no Grande Cáucaso, a 2395 m de altitude subimos em jipe, aos solavancos, para visitar o *Mosteiro da Santíssima Trindade, em Gergeti*. Depois do almoço em *Kazbegi* visitámos o *Mosteiro de Ananuri*, do séc. XVII, localizado nas margens do rio Khivali, donde se vislumbra uma maravilhosa paisagem sobre as montanhas do Cáucaso. O Mosteiro era um complexo religioso e defensivo. Este dia terminou com o jantar de despedida com espectáculo de folclore, mas no regresso ao hotel fomos presenteados com um "by night" !... A cidade histórica iluminada fica muito bonita.

No dia 9 visitámos a *Catedral da Santíssima Trindade*, a principal catedral ortodoxa georgiana de Tbilisi, que começou a ser construída no séc. XXI e foi inaugurada em 2003. A arquitectura das igrejas ortodoxas não muda o estilo que é da Idade Média. A Catedral possui ainda duas igrejas subterrâneas e um campanário. No centro existe um ícone que é beijado quando os crentes entram.

Regressámos ao autocarro para viajarmos em direcção à *Arménia*, chegando a *Sadaklo*, onde nos esperava o guia Ashot

(significa fogo), que nos inundou com muita informação no seu castelhana fluente (viveu em Barcelona). A Arménia, um dos países mais antigos do Mundo (II milénio a.c.) ocupa actualmente uma pequena parte do Cáucaso do Sul, numa região montanhosa, entre o Mar Cáspio e o Mar Negro. Tem fronteiras com a Geórgia, Turquia, Azerbaijão, Irão e ainda a sul com um enclave do Azerbaijão. Presentemente 12 500 km² pertencem a Nagorno - Karabakh, que se autoproclamou independente do Azerbaijão (nele incluído durante a ocupação soviética). Certas regiões da Arménia, como a planície do rio Araks ou a província de Van são de grande beleza e possuem terras férteis, daí a hipótese, segundo a qual o Jardim de Eden, citado na Bíblia, se situar na Arménia e também o local onde a arca de Noé encalhou após o dilúvio, no Ararat (hoje no posse da Turquia). A sua superfície é cerca de 29 800 km² e a sua população cerca de 3 milhões, sendo 97,9% de arménios. A bandeira é tricolor (vermelho, azul e laranja), simbolizando o vermelho o sangue derramado na defesa do país, o azul a paz e o laranja o intelecto dos arménios. A religião é maioritariamente (98,7%) cristã, chegando à Arménia no séc. I d.c., graças aos discípulos de Jesus Cristo, os apóstolos S. Judas Tadeu e S. Bartolomeu, motivo pelo qual a Igreja é denominada Igreja Apostólica Arménia. Começámos a visita pela *região de Lori*, na qual se encontra o *Mosteiro de Hagpah (Hagapat)*, Património da Humanidade pela Unesco em 1996. Foi mandado construir pela rainha Khosrovanouch, para assegurar a longevidade e prosperidade dos seus 2 filhos. Está aqui enterrada. O Mosteiro é composto por várias igrejas, com uma mistura de elementos da arquitectura bizantina e também vernacular tradicional da região do Cáucaso. A igreja principal é cruciforme típica, mas o exterior é rectangular. O "gavit" (sala capítular) é uma grande sala usada para reuniões, ensino e ritos funerários. A biblioteca, erigida em meados do séc. XI, tem arcos cruzados, nichos para os livros e potes enterrados no solo para

armazenamento de comida. Almoçámos num restaurante panorâmico com vista sobre o desfiladeiro Debeb (nome do rio). Depois, descendo atravessámos *Stepanavan*, zona de arménios católicos, *Vanadzor*, a 3ª maior cidade, que sofreu um terramoto em 1987 e entramos na zona de *Aragatz*, onde vivem yezidis, vindos do Iraque. Em *Artashan* apreciamos o monumento dedicado ao alfabeto arménio, erigido em tempos mais recentes em comemoração dos seus 1600 anos. Em 405 o padre Mesrop Machtots criou o alfabeto com 36 letras a fim de juntar ainda mais a população em volta da igreja, com a ajuda das liturgias na língua materna. Isto foi possível com a tradução da Bíblia, do grego para o arménio. Actualmente o alfabeto consta de 39 letras. Neste local também se encontra uma cruz a assinalar os 1717 anos de cristianismo arménio. Ao chegarmos a *Erivan*, capital da Arménia, instalámo-nos no Hotel Imperial.

No dia 10, saímos em direcção às ruínas de *Zvartnots*, tomando contacto com a capital vendo a estátua de Alexandre Tamanyan, o autor da reconstrução total da cidade a partir de 1924. Seguiu-se a Praça de Charles Aznavour, a Praça da República e a Câmara Municipal. Nos arredores da capital visitámos as ruínas do *Templo de Zvartnots* dedicado a S. Gregório, o iluminador, construído no séc. VI como catedral da Arménia. Actualmente somente uma pequena parte está restaurada, com uma cúpula cónica, colunas e capitéis decorados com baixos relevos representando romãs, uvas e águias. É Património da Humanidade pela Unesco desde 2000. Do Templo consta também a pia baptismal, os aposentos do Patriarca, a sala do trono, a sala dos monges e um poço destinado à fermentação das uvas para originar o vinho. Nova paragem em *Artachat*, uma das cidades mais antigas do país, fundada em 187 a.c., que era o centro da cultura helenística arménia. Aqui encontrámos o Patriarca, que o Ashot nos queria apresentar e tirar foto com o grupo, mas o Patriarca entrou no carro e desapareceu!... Que desgos-

to para o Ashot... Finalmente seguimos até ao *Mosteiro de Khor Virap*, o 1º lugar santo da Arménia cristã. S. Gregório foi aqui lançado num fosso com 6 m de profundidade, onde esteve 13 anos, sem comida, acusado pelo rei de pregar a religião cristã. Esta igreja foi construída sobre o fosso, no séc. VII e reconstruída no séc. XIII. Aqui se vêem alguns frescos como dos 12 apóstolos com S. Gregório, lágrimas da Virgem Maria, S. Judas Tadeu e S. Bartolomeu. De regresso a Erivan ainda apreciamos o edifício do Teatro da Ópera e Ballet, o Museu de História, o Parlamento, os Correios, o Hotel Marriot e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, edifícios construídos segundo o plano de Thamanyan. O dia seguinte foi totalmente ocupado com a visita a *Erivan*, subindo a colina para contemplar o momento a *Mãe Arménia*, situado no Parque Vitória. Deste local alcança-se uma bela panorâmica sobre a cidade. Visitámos em seguida o *Parque Cascade*, também uma das ideias de Thamanyan. É um monumento em sistema de degraus que ligam harmoniosamente o centro da cidade e um subúrbio situado nas colinas de Kanaker. Passámos por várias esculturas "semeadas" pelo Parque, onde também se encontra o "bule", uma da Joana Vasconcelos. Foram construídas várias plataformas que formam o

Centro de Artes, situando-se no cimo a sala de concertos. Subindo, observámos diversas esculturas nessas plataformas, entre elas "Os rios", que incluem também o Douro. De tarde a visita começou pelo *Memorial do Genocídio Arménio*, dedicado às vítimas do genocídio praticado pelo Império Bizantino em 1915 e construído de 1965 a 1967. Também em 1995 foi criado o *Museu do Genocídio*, comemorando os 80 anos, onde se viram imagens chocantes e cruéis, como um miúdo crucificado. Fomos à *Adega do Conhaque* para a prova, mas da minha parte apenas provei as pepitas de chocolate!... Na *Vernissage*, mercado ao ar livre, houve algum tempo livre para as compras, regressando ao hotel, pois o restaurante "Tabern Yerevan" aguardava-nos para o jantar e show. No dia 12 começámos por visitar o *Mosteiro de Geghard* do séc. XII – XIII, escavado na rocha, que quer dizer "lança santa" em honra da lança que trespassou o Corpo de Cristo. É Património da Humanidade pela Unesco. A parte mais antiga do complexo foi destruída, mas existe um edifício bem conservado, a capela de S. Gregório e uma capela rupestre. Está situada numa antiga gruta e tem uma fonte miraculosa (a água que engravidada). Na capela de S. Gregório veêm-se quadros com a sua imagem e de S. João Baptista. Na porta de entrada está a ár-

vore da vida, uvas e romãs. Seguiu-se a visita ao único templo pagão da Arménia dedicado ao deus sol-Myrth, situado em *Garni*, fundado no séc. I a.c.. Restaurado nos anos cinquenta, possui 24 colunas que simbolizam as 24h do dia. Visitámos as ruínas do Palácio Real e dos Banhos Reais da dinastia Arshakid. Almoçámos numa tradicional casa arménia, onde se viu o fabrico do "Lavash" (processo de cozer o pão em forno de pedra). De novo em *Erivan* entrámos no *Museu dos Manuscritos Antigos Matenadaran*, encarando a estátua do fundador do alfa-beto arménio. O Museu abriga mais de 20 000 manuscritos (a maior colecção do Mundo), sendo 15 000 em arménio. O maior manuscrito pesa 32 kg e tem 660 páginas e o menor pesa menos de 19 g e tem 116 páginas. O jantar de despedida, com folclore, realizou-se no *Museu dos Tapetes*. No dia seguinte partimos para o norte para conhecermos a região do *Lago Sevan*, o maior lago da região do Cáucaso, situado a cerca de 2000 m acima do nível do mar. É o 2º mais alto do Mundo, depois do Lago Titicaca. Na península de Sevan visitámos o *Mosteiro Sevanavank*, do ano 874, destinado sobretudo aos monges. As duas igrejas dos Santos Apóstolos e da Stª. Mãe de Deus (Stª. Astvatsatsine) são estruturas de plano cruciforme. Na porta está Cristo, S. Judas Tadeu e



S. Bartolomeu. Em seguida passeámos no lago durante cerca de 1h. O almoço, em restaurante panorâmico, foi acompanhado ao piano com música tocada e cantada pelo Ashot. Saímos em direcção à estância termal de *Dilijan*, no Parque Natural com o mesmo nome, instalando-nos no Hotel Western Dilijan Resort, óptimo, com ar puro, mas longe do centro. No dia 14, dia em que deixámos a Arménia, visitámos a *Pinocoteca* de Dilijan, fundada em 1952 e a *Galeria*

6 anos depois, com pintura arménia, arte flamenga, russa, francesa, italiana. De autocarro por estradas péssimas durante 77 km chegámos ao *Mosteiro Sanahin*, uma das obras mais notáveis da arquitectura medieval da Arménia, na região de Lori. O Mosteiro teve um papel importante na cultura medieval, onde se estudaram as ciências humanas, as ciências exactas, a medicina, etc. Em *Sadakhlo* (fronteira) esperavam-nos a Nino e a Helena, mas a mala da Amélia

Féria ficou de "férias", na Arménia, mas foram curtas porque a mala chegou a tempo do regresso a Lisboa !...

Em *Tbilisi* alojámo-nos no Hotel Holiday Inn. Na manhã do dia seguinte saímos para conhecer a pitoresca e a mais fértil região da *Geórgia – Kakheti*, que junta a cordilheira do Grande Cáucaso e o Vale de Alazani, com picos superiores a 3 000 m. Nesta região desenvolve-se a viticultura e a produção agrícola, devido ao solo fértil, o sol e principalmente o esforço e o labor do seu povo que originaram cerca de 500 variedades de vinho. E foi assim que a técnica de fabrico do vinho se tornou Património da Humanidade pela Unesco. A 1ª paragem deu-se na cidade real de *Sighanaghi* (Sirgnari) que significa abrigo e onde visitámos o *Convento de St.º Nino*. Na cidade, cercada por muralhas defensivas (séc. XVII) observámos a Câmara Municipal, reconstruída em 2007 e também os nomes das vítimas da II guerra mundial, que eram maioritariamente desta zona. Passando pelas ruas estreitas, ladeadas por casas que ostentam varandas de madeira decorada, chegámos ao Museu *Piresmani* (pintor georgiano), cuja peça mais importante é um jarro para vinho do séc. XXII a.c.. Também de salientar uma carroça puxada por 2 cavalos do I milénio de Cristo. Numa adega assistimos ao fabrico tradicional do vinho, em recipiente de argila, produzida apenas em 2 localidades e onde durante cerca de 2 meses se faz a fermentação. Nela almoçámos, seguindo-se a visita a *Telavi* para conhecermos o *Museu Tsinandali*, fundado no séc. XIX, nas terras do famoso poeta, escritor e lavrador Alexander Chavchvadze, que também foi general do exército russo. A nossa viagem terminou com o jantar em restaurante e regresso a Lisboa, com saída "matutina", chegando cerca das 10 h 20 min. É muito bom viajar, conhecer novas terras e realidades, mas regressar ao país que nos viu nascer, que amamos, e onde temos a família e amigos é sempre o nosso desejo.



OS NOSSOS POETAS



POR **POLYBIO SERRA E SILVA**

- NA MUDANÇA DE SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM COIMBRA

Com tristeza abandonámos
A "nossa alegre casinha"
E, lá de cima, saudámos
A nossa Santa Rainha.

Foi triste, não deprimente,
Pois todos, com muita garra,
Tornámos o ambiente
Num ambiente de farra

Para que esta alegria
Seja a luz que nos dá vida
E nos faça companhia
Na hora da despedida,

Com a esperança sincera
Que ninguém nos rogue pragas,
No local nos espera
Na Rua Pinheiro Chagas.

Não é um local prendado,
Mas é um espaço decente
E, como a cavalo dado
A gente não olha o dente...

Já começámos as obras
Que ficam num dinheirão
E nós cá não temos "sobras" ...
Não temos nem um tostão!

Se acaso estás atrasado,
Se te esqueceu pagar,
Sê um tipo despachado,
Trata de regularizar

Se não és sócio, amigo,
Faz a tua inscrição.
Traz outro amigo contigo
Para a nossa Associação.

Não irás à banca rota
E ficarás todo ufano
Pois, a mais pequena nota,
Dá quase p'ra meio ano.

No fim da restauração,
Com o espaço limpinho,
Faremos a Inauguração
Com um opíparo lanchinho.

Então, para desejar
Que entremos numa boa,
Iremos todos cantar
Até que a voz nos doa.

POR **FLORÊNCIO DE CAMPOS**

Natal! Natal! Dezembro, puro inverno...
Ó Árvore de Luzes e Segredos
És viva crença de um sentido eterno
Repleta de enfeites e brinquedos

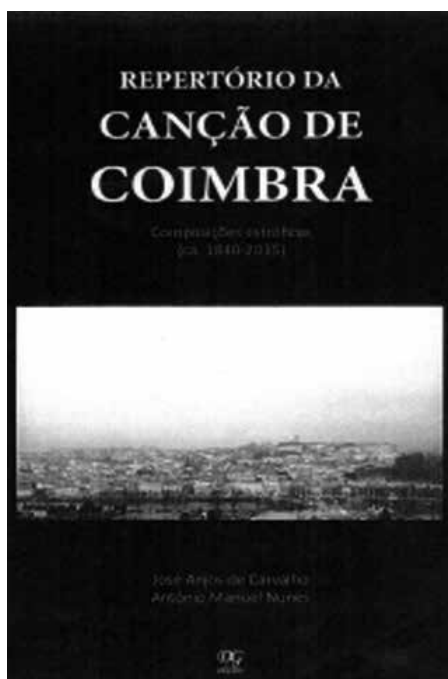
Bendito sejas sempre que voltares,
Aonde alguma voz chama por ti,
E não Vos esqueça que ainda há lugar
E responde a sorrir: Estou aqui!

Intacto e leve um Ano Novo principia,
Em que a Sua presença mais importa.
Primeiro mês, não só primeiro dia,
Vai bater de mansinho a essa porta.

Aconteceu nos lindos campos de Belém
Bem-Aventurado e grato evento,
Cumpriu-se profecia para nosso bem,
Deu-se maravilhoso acontecimento.

Estavam no campo vários pastores
Fazendo vigílias com rebanhos a aguardar
Grande coro surgiu ali dando louvores
Habilmente sabiam a Deus louvar e adorar.

Importante notícia aos pastores foi dada
Já os judeus há muito esperavam,
Lá em Belém nasce a criança adorada,
Muitos pastores foram lá e a louvavam



Na tarde do dia 17 de Outubro p.p., na Sede da AAECCL, teve lugar a concorrida apresentação e lançamento em Lisboa de um interessante livro sobre o foro coimbrão, intitulado, **REPERTÓRIO DA CANÇÃO DE COIMBRA – Composições estróficas (ca.1840-2015)**, da autoria de dois conhecidos Estudiosos da *galáxia sonora coimbrã*, o Coronel José Anjos de Carvalho, nosso Sócio Honorário, e o Dr. António Manuel Nunes, antigo Estudante de Coimbra, licenciado em

História. O livro foi apresentado por dois Antigos Estudantes de Coimbra, destacados e muito apreciados *cultores Foro musical coimbrão*, os Drs. Arménio Marques dos Santos e Levy Casimiro Baptista, ambos pertencentes ao *Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra*, criado em 1997, por ocasião da festa de recepção aos caloiros da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra desse ano. Marques dos Santos foi solista do Orfeon Académico de Coimbra e do Coral da Faculdade de Letras e, Levy Baptista, além de membro, do Orfeon Académico e da Tuna Académica, constituiu com Manuel Pepe a famosa dupla de violas de acompanhamento do célebre *Coimbra Quintet*, grupo que nos legou uma obra de altíssimo mérito. O conteúdo do livro incide sobre todo o acervo a que foi possível chegar de composições estróficas do universo musical coimbrão compreendido entre 1840 e 2015, de que os autores alcançaram conhecimento. São 745 fichas, cada uma com a sua página própria. Toda a informação carreada para o livro foi exaustivamente escrutinada pelos autores; haja em vistas inumerosíssimas vezes que, face ao actual estágio do conhecimento existente, se refere "*autor não identificado*" nos campos das autorias. Mas, se a referência a "*autor não*

identificado" vem imensas vezes no livro, imensas foram também as horas sem conta que passaram na feitura do livro e na audição de discos. Trata-se de um livro de consulta que para tal foi organizado alfabeticamente pelos títulos insertos nas respectivas edições e, no final, dispõe de uma outra entrada que é do maior interesse, o *Índice Remissivo por Incipits*, isto para possibilitar a procura de qualquer uma composição, para quem apenas só conheça o primeiro verso da composição que procura. Trata-se, sem dúvida, de um precioso e muito útil *vade-mecum* para uso de iniciados e para muitos outros cultores do foro musical coimbrão, por lhes possibilitar evitar o cometimento de erros, alguns dos quais de tanto se repetirem ao longo de gerações se transformaram em verdadeiros *erros sistemáticos*. Além disso, permite suprirem-se lacunas e proceder à correcção de deficiências. A culminar o evento, o *Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra* brindou toda a assistência com a sua actuação de que destacamos *QUANDO OS SINOS DOBRAM (Se ouvires dobrar os sinos)*, o chamado *FADO DAS ÁGUIAS (Ó águia que vais tão alta)* e a versão instrumental do *FADO HILÁRIO*,

Terminada a actuação do *Grupo Jurídico*, ocorreu um pequeno Beberete.

VISITAS LOCAIS

No 2º semestre de 2018 realizaram-se 3 visitas:

- No dia 20 de Setembro realizou-se uma visita ao Museu Nacional Arte Antiga para ver uma exposição temporária "Do Tirar Polo Natural" com um grupo de 20 sócios.
- No dia 24 de Outubro realizou-se uma visita ao Museu da Filigrana, com um grupo de 24 sócios. É o primeiro museu nacional exclusivamente dedicado a uma arte característica do nosso País.
- No dia 5 de Dezembro realizou-se uma visita guiada à Fundação Calouste Gulbenkian para ver a exposição "Pose e Variações. Escultura em Paris no tempo de Rodim" 30 esculturas francesas do sec. XIX.

Apareçam sempre!



SOBRE O DIREITO À GREVE DOS JUÍZES

CRÍTICA À OPINIÃO DO PROF. JORGE MIRANDA

Por António Grosso Correia (Sócio da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra no Algarve)

Com o devido respeito e sem prejuízo da enorme admiração que nutro por Jorge Miranda, merecidamente incontestado egrégio constitucionalista, permito-me discordar da sua douta opinião, segundo a qual aos juizes não assiste o direito à greve.

Faço-o, com humildade, com os fundamentos, que, resumidamente, exporei adiante.

Antes de tudo, importa referir que o direito à greve é tão importante que mereceu consagração na nossa Constituição da República (art.º 57.º, n.º 1, da Constituição, diploma a que corresponderão todos os preceitos legais adiante referidos, sem indicação de diploma a que pertencem).

Em síntese, Jorge Miranda sustenta o seu douto entendimento em: a) "Os tribunais são órgãos de soberania, a par do Presidente da República, da Assembleia da República e do Governo"; b) "os juizes não são trabalhadores subordinados"; c) "O princípio da liberdade não vale para os titulares de órgãos de poder"; d) "um direito à greve dos juizes ... contenderia com a ligação estrutural incindível dos magistrados aos tribunais e ao Estado. Não seria um conflito jurídico laboral; seria um conflito atinente ao exercício da função legislativa ou da função administrativa nos seus reflexos sobre a situação dos juizes. Não seria um conflito entre trabalhadores e empregadores; seria um conflito entre poderes do Estado".

A estes fundamentos me referirei, de seguida, cingindo-me às mesmas alíneas, e pela mesma ordem que utilizei.

Assim,

a) Líquido é que os órgãos de soberania, em Portugal, são o Presidente da República, a Assembleia da República, o Governo e os tribunais (art.º 110.º, n.º 1). Não os juizes;

b) Na defesa de que os juizes não são trabalhadores subordinados, Jorge Miranda argumenta que:

1. – Eles "Não se acham em qualquer situação aproximável da dos trabalhadores das empresas privadas ou da administração pública".

Quanto a isto, oferece-me desde logo lembrar o que nos diz o Estatuto dos Magistrados Judiciais (Lei 21/85, de 30/07):

– art.º 4.º: a independência dos juizes verifica-se apenas quanto à actividade de julgar e no sentido de não estarem sujeitos a ordens ou instruções, salvo o dever de acatamento das decisões proferidas pelos tribunais superiores;

– art.º 10.º, n.º 3: "São equiparáveis às ausências referidas no número anterior, até ao limite de quatro por mês, as que ocorram em virtude do exercício de funções de direcção em organizações sindicais da magistratura judicial";

– art.º 10.º-A: rege sobre as condições de dispensa de serviço, dispondo o seu n.º 3 que se aplica aos magistrados judiciais o disposto na lei geral sobre o regime de bolseiro (quando os juizes se proponham realizar as tarefas ali referidas);

– art.º 13.º, n.º 3: "Os magistrados judiciais que executam funções no órgão executivo de associação sindical da magistratura judicial gozam dos direitos previstos na legislação sindical aplicável";

– Capítulo VIII regula o procedimento disciplinar, enumerando a sua Secção III as penas disciplinares a que os juizes estão sujeitos;

– art.º 131.º. (Direito Subsidiário): "São aplicáveis subsidiariamente em matéria disciplinar as normas do Estatuto Disciplinar dos Funcionários e Agentes da Administração Central, Regional e Local ...".

Por outro lado, os juizes exercem a sua actividade em regime de exclusividade, mediante um salário, necessário à sua sobrevivência. Eles dependem, assim, economicamente, do exercício da sua profissão. A dependência económica é utilizada como critério para caracterizar uma relação laboral.

Por outro lado, os juizes exercem a sua actividade em regime de exclusividade, mediante um salário, necessário à sua sobrevivência. Eles dependem, assim, economicamente, do exercício da sua profissão. A dependência económica é utilizada como critério para caracterizar uma relação laboral.

A regime semelhante não estão sujeitos os membros dos restantes órgãos de soberania. Eles são políticos, sem qualquer subordinação de natureza jus-laboral. Parece-me, pois, que cai por terra o argumento de que os juizes "não se acham em qualquer situação aproximável da dos trabalhadores das empresas privadas ou da administração pública";

2. – Investidos na titularidade de órgão de soberania, encontram-se perante o Estado numa relação de identificação. Não são empregados do Estado. Parece-me legítimo perguntar: esta relação de identificação só existe naqueles titulares? Então, os trabalhadores dos diversos departamentos do Estado, no seu trabalho e, enquanto tal, no seu relacionamento com os cidadãos não estão também naquela relação? Quando o polícia multa não está a fazê-lo, munido de um poder do Estado e a veiculá-lo? E isto não cabe no conceito daquela relação de identificação?!

Finalmente, o próprio Jorge Miranda

admite que "os juizes, ao invés do Presidente da República, dos deputados e dos ministros, seguem uma carreira com progressão ao longo da vida e constituem um corpo profissional permanente".

Portanto, não há dúvida de que os juizes têm uma carreira profissional.

Ora, esta carreira não têm os outros titulares de órgãos de soberania;

c) "O princípio da liberdade não vale para os titulares de órgãos de poder".

A este propósito, Jorge Miranda admite que nenhum preceito constitucional exclui o direito à greve por parte dos juizes, para logo formular esta pergunta:

"não poderia a lei ordinária consigná-lo como direito fundamental, ao abrigo da cláusula aberta do art.º 16.º, n.º 1?"

Respondendo, afirma: "Não, o princípio da liberdade vale para as pessoas enquanto particulares ou enquanto membros da comunidade; não para os titulares de órgãos de poder".

Mas vamos lá ver, aqui há que distinguir entre titulares de órgãos de poder político, ou seja, o Presidente da República, os deputados e os membros do Governo, por um lado, e, por outro lado, os titulares dos tribunais, que não são órgão do poder judicial. E esta distinção não me parece despicienda, na medida em que, não só os estatutos são diferentes, porque diferentes são as naturezas dos seus campos de acção, como, ao contrário daqueles outros titulares de órgãos de poder (político), os juizes seguem uma carreira com progressão ao longo da vida e constituem um corpo profissional

permanente, tendo, por isso, uma carreira profissional, o que Jorge Miranda expressamente aceita.

Para melhor se compreender o que se deixa dito, vale a pena transcrever aqui a norma contida no supra referido art.º 16.º, n.º 1: "Os direitos consagrados na Constituição não excluem quaisquer outros constantes das leis e das regras aplicáveis de direito internacional".

E, já agora, o n.º 2 daquele artigo dispõe: "Os preceitos constitucionais e legais relativos a direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados de harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem".

Pois bem, passo agora a transcrever algumas disposições desta Declaração:

- Art.º 1.º: "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos";

- Art.º 7.º: "Todos são iguais perante a lei";

- Art.º 23.º, n.º 4: "Toda a pessoa tem o direito de fundar com outras pessoas e de se filiar em sindicatos para defesa dos seus interesses". E, finalmente,

- Art.º 2.º: "Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração".

De referir que a doutrina insita naqueles artigos 1.º, 7.º e 23.º se encontra acolhida nos art.ºs., dentre outros, 13.º, e 55.º da Constituição.

Acresce que o art.º 18.º, n.º 1, da Constituição, preceitua: "Os preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias" (como são os que acabei de referir) "são directamente aplicáveis e vinculam as entida-

des públicas e privadas";

d) "um direito à greve dos juizes ... contenderia com a ligação estrutural incidível dos magistrados aos tribunais e ao Estado. Não seria um conflito jurídico laboral; seria um conflito atinente ao exercício da função legislativa ou da função administrativa nos seus reflexos sobre a situação dos juizes. Não seria um conflito entre trabalhadores e empregadores; seria um conflito entre poderes do Estado".

Como é possível defender isto, quando, desde logo, os juizes não são um poder do Estado?! Os tribunais, sim, são um poder do Estado.

É certo que a magistratura judicial – isto é, os juizes – tem a "função" de administrar a justiça (art.º 2.º do Estatuto dos Magistrados Judiciais). Mas, esta função, salvo melhor juízo, tem que ser entendida como acto meramente instrumental, não encerrando, em si, um poder do Estado; este poder está, com efeito, nos órgãos de soberania tribunais – art.º 202.º, cujo n.º 1 preceitua que "Os tribunais são os órgãos de soberania com **competência** para administrar a justiça..." (o negrito é da minha lavra). Ou seja, quem administra a justiça são os tribunais, por intermédio dos juizes. Terminando, tenho que confessar que não me convencem os argumentos em que Jorge Miranda sustenta a sua opinião, aliás douta.

Pelo contrário, no actual quadro constitucional e legal (ordinário), entendo que aos juizes assiste o direito de fazerem greve.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos... no 2º Semestre de 2018 (de Julho a Dezembro):

- Alm. Vicente Manuel Almeida Eça – Sócio 23
- Dr. Allen Gualter Cid Cabral de Matos Correia – Sócio 406
- Dr. Manuel Macemino Gomez – Sócio nº 852
- Dr. José Maria Gonçalves Pereira – Sócio nº 1148

- Dr. Manuel Cassiano Póvoas Costa Cabral – Sócio 1168
- Dr.ª Maria Ercília Sarmiento Gonçalves Forte Ivo de Carvalho – Sócio 1265
- Prof. Dr. Agostinho Diogo Jorge Almeida Santos – Sócio nº 1336

Que descansem em Paz!

OS HOMENAGEADOS

Por João Barros Caldeira (Vice – Presidente do Círculo Cultural do S.T.J.)

Nos primórdios deste século alguns Juizes Conselheiros resolveram fundar o Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça com a colaboração decisiva do então Presidente deste Tribunal, Jorge Aragão Seid, já falecido. A sua sede é no Supremo. Todas as conferências, lançamento de livros e outras actividades congêneres têm decorrido no mesmo local em instalações cedidas pelos Presidentes em exercício no momento. Também têm sido funcionários dos gabinetes dos Presidentes, que colaboram nas vertentes administrativas e de tesouraria e contabilidade. Assim, o Círculo Cultural tem sido considerado, no decurso do tempo, como uma mais valia para o Supremo Tribunal de Justiça. De facto, ao promover o relacionamento inter-cultural dos Juizes do Supremo Tribunal de Justiça oferece-lhes algo mais do que conhecimento estritamente jurídico, que largamente já possuem. É, porém, uma entidade autónoma e com regulamento próprio. A sua actividade tem em vista o referenciado relacionamento inter-cultural, mas só para os Juizes Conselheiros que se constituam como sócios. Mas o Círculo Cultural pretende contribuir, digo, atingir outros horizontes. Nesta nova vertente de acção procurou o intercâmbio com outras Associações Culturais, que prossigam os mesmos fins. Ouvidos os seus órgãos sociais a Direcção do Círculo Cultural ficou incumbida de propor à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa o relacionamento inter-cultural a formalizar em parceria de colaboração. A Presidente da Direcção desta Associação aceitou a proposta e deixou à Direcção do Círculo Cultural a sua formalização, acedendo à redacção proposta.

Marcou um almoço num hotel desta cidade para se proceder à assinatura do protocolo/parceria de colaboração, o que aconteceu na presença de muitos associados da Associação, de que é Presidente da Direcção.

O Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça, depois de ouvidos os seus órgãos sociais, agradeceu:

- O Presidente Emérito do Supremo Tribunal de Justiça, José Nunes da Cruz.
- O Presidente Emérito do Supremo Tribunal de Justiça, Luís Noronha do Nascimento.
- O Presidente Emérito do Supremo Tribunal de Justiça, António Henriques Gaspar.

- O Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, António Joaquim Piçarra e,
- A Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, Maria de Fátima Lencastre, como sócios honorários.

No dia 12 de Dezembro de 2018, no almoço de Natal do Círculo Cultural, o Presidente da Direcção, em breve discurso, homenageou os referidos sócios honorários do Círculo, procedendo-se, de seguida, à entrega dos respectivos diplomas.

Foi a cereja no topo do bolo.

Parabéns a todos os homenageados, mas deixo aqui uma saudação especial a Maria de Fátima Lencastre, a primeira mulher Presidente da Direcção de uma Associação Cultural a receber esta distinção do Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça.



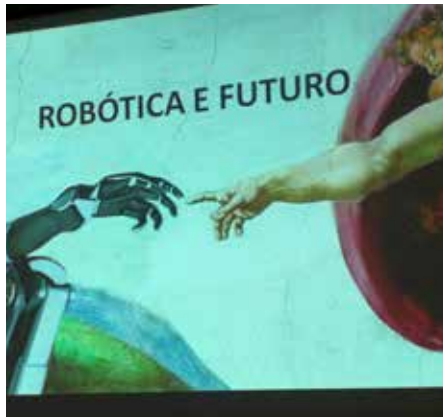
ROBÓTICA E FUTURO



1 – Podemos definir ROBÓTICA como a "área científica e tecnológica que se ocupa da concepção, construção e utilização de robôs". Estes são um produto da atividade humana, tal qual como se diz que Deus criou Adão, a partir do pó da terra, e depois Eva, a partir de costela daquele, ou seja, praticando clonagem. O dicionário define modernamente robô "como máquina ou autômato, por vezes de configuração que imita a humana, capaz de se mover e (substituindo o homem) de realizar certas tarefas, bem como de aprender a interagir com o seu meio".

Tal definição já integra pois o robô humanoide, como a Sofia que parece retratar a atriz americana Audrey Hepburn. Ela promete (ameaça) tirar o emprego aos humanos poupando-lhes o trabalho e não esconde que poderá mesmo destruí-los, eventualmente até sem requerer. Pelo vistos este ato de *neocriação* curiosamente começa pela mulher e sem precisar da costela de alguém, pelo menos como "personalidade" socialmente reconhecida, capaz de fazer entrevistas. Contudo, o seu "deus" criador já antes havia construído outras figuras, como a de Einstein, mas sem o mesmo mediatismo e relevância social.

Há muito que máquinas vêm substituindo ou simplificando o trabalho humano. Estou a pensar no elementar arado, na grade (de gradear, aplanar os sulcos fei-



tos pelo arado), que poupa, em grande parte, o trabalho da enxada; no carro de bois que, em quantidade, evita o transporte às costas humanas ou ao lombo de quadrúpedes.

Em suma: procurou-se sempre a aplicação inteligente de ferramentas, o que não é ainda robótica. Na primeira revolução industrial, no século XIX, assiste-se à proliferação da máquina a vapor. Mais tarde aparecem os eficazes e perfeitos motores de explosão. Por consumirem combustíveis fósseis, já estão a ser substituídos por alternativas mais limpas, apesar do esforço das petrolíferas para atrasarem o processo.

As grandes indústrias propiciaram emprego, junto aos grandes centros, provocando frenético afluxo de populações rurais, com a criação de densos "bairros de lata". No entanto, cedo as máquinas começam a substituir a mão de obra.

Por exemplo, a máquina debulhadora substituiu, em eficácia e rapidez, os batalhões de utilizadores do mangual, romântico instrumento de malhar (ato de separar o grão da espiga) os cereais. A seguir as debulhadoras conseguem também ceifar a eito em pouco tempo as searas que os ranchos de ceifeiras e de ceifeiros, com os seus manajeiros, demoravam meses a realizar. Essa gente perdeu o seu emprego e a vivência única resultante da pernoita nas cardanhas (palheiros onde

homens e mulheres, tirando pouco mais do que os sapatos ou as botas, dormiam com a mesma roupa que usavam durante os trabalhos) e da prática de canções e danças populares nos dias de descanso (domingos e dias santos). Quem tocava um instrumento ou detinha voz excepcional ou até o privilégio de assobio requintado, perdeu audiência para sempre.

Nos olivais, também a máquina e a vara mecânica substituem a vara manual, com a mesma consequência.

Nas fábricas também a maquinaria cedo começou a imperar.

Os séculos XX e XXI trazem, além do mais, espantosos conceitos, de ricas consequências práticas, como o de *algoritmo* (processo baseado num certo número de regras que resolvem todos os problemas da mesma natureza, mecanizando os resultados) ou de *nanotecnologia* (possibilidade do fabrico de materiais e máquinas a partir do reordenamento dos átomos e moléculas).

Para além disto, a computação tornou-se numa fonte ilimitada de conhecimento e de soluções pragmáticas antes inimagináveis, utilizando-se nomeadamente o produto da *inteligência artificial* com a sua capacidade de *aprendizagem automática*. O resultado imediato refletiu-se na dispensa da mão de obra a todos os níveis, causa principal do desemprego.

Veja-se o que aconteceu nas fábricas de automóveis, inicialmente formigueiros de empregos. Rapidamente a máquina começou a dispensar magotes. Hoje, nas linhas de produção impera o automatismo que faz tudo o que é repetitivo e... já não só.

Por outro lado, as corporações de bombeiros já não precisam de pôr em perigo os seus elementos humanos, pois podem fazer aproximar das chamas objetos telecomandados transportadores de mangueiras despejadoras de água ou de espumas extintivas do fogo. Esta técnica

ca é praticada no Japão, nomeadamente em locais onde podem ocorrer explosões violentas, como incêndios em refinarias. Do mesmo modo, a polícia ou o exército podem limpar campos minados pondo robôs a retirar ou provocar a explosão de minas. Congeminam-se também exércitos robóticos telecomandados com a garantia de que não haverá deserções nem manifestações de cobardia.

Os próprios automóveis, que tradicionalmente se comportam como dóceis robôs satisfazendo todos os caprichos dos seus condutores, dentro da função para que foram construídos, já beneficiam de uma evolução robótica que lhes permitem andar sós nas estradas e nas ruas, enquanto o seu condutor pode dormir tranquilo quer no banco da frente, quer no detrás. Também podem transportar o seu dono para o trabalho, voltar para a garagem resguardando-se das agruras do sol ou do frio e, a horas, voltar a buscá-lo.

Isto já é a realidade experimentada, esperando-se apenas aperfeiçoamento e vulgarização. O que, neste momento já está a acontecer, concertadamente, em Portugal e em Espanha.

2 – A estas máquinas falta-lhes antropomorfia e capacidade de tomar decisões inteligentes (faltarão?), características que nos levam ao retorno a Sofia.

Esta "cidadã" (espantosamente de nacionalidade saudita!) já mantém conversas, supomos que dentro de limitados pressupostos *computacionais*.

Poderão ela ou os seus congéneres acabar por se humanizarem, no sentido de adquirirem as respetivas características essenciais?

Utopia?

O robô de Einstein, solicitado sobre o tema, admite poder haver humanização e acrescenta que, nessa possibilidade, poderá estar todo o bem, logo também todo o mal inerente.

Vem a propósito invocar o vigor e profundidade da lição de António Damásio (in "A Estranha Ordem das Coisas") e atentar-se no conhecimento já adquirido acerca do ser humano.

Ele desenvolve o extraordinário conceito de homeostasia, o equilíbrio que tem

de se verificar para que a vida *aconteça* e *permaneça*. Neste aspeto da *permanência*, o ser humano, porque percebeu como a vida funciona, já consegue restabelecer desequilíbrios, evitando que a morte aconteça. A atividade médica consiste nisso mesmo: ministrar drogas ou promover ações que estabelecem pontes através das quais a vida pode prosseguir. Por via disso a média de vida até pode, em breve, ultrapassar os oitenta anos. Mas como funciona a "máquina vital", nomeadamente a humana, com o espetacular

"enriquecimento das mentes através dos sentimentos e da subjetividade, da memória baseada em imagens, e da capacidade de ordenar as imagens narrativas que, provavelmente, terão começado por ser sequências não-verbais semelhantes a um filme, mas que, após a emergência das linguagens verbais, acabaram por combinar elementos verbais e não-verbais - ob. cit., pág. 107 e 108" ?

Fantástica a capacidade humana de criação de imagens quer do mundo exterior, quer interior (do próprio organismo em funcionamento) e consequente aptidão para, por via do sistema nervoso se construir mapas. Importante para os mapeamentos, a tal aptidão para a criação de imagens, são os cinco sentidos. Curiosamente, a audição não é apenas um instrumento de captação sonora. Também nos dá, o que já sabíamos, o sentido do equilíbrio (a sua perturbação pode criar a síndrome de Ménière) e, mais do que isso, o que Damásio chama de sentido *vestibular*, isto é, a percepção da posição dos objetos no espaço tridimensional.

Por exemplo: olhamos para uma estátua no meio de uma praça e temos a percepção da distância que vai de nós ao monumento e deste até ao fim da praça e também das distâncias laterais.

Se cerrarmos os olhos continuamos a ver a estátua no sítio. Talvez isto já tenha a ver com a memória ou também com ela. Para lá de tudo isto, parte-se então, através das nossas percepções e ideias subsequentes, para a criação paralela

da linguagem armazenada na memória, para depois se chegar à criatividade e aos sentimentos.

A propósito da capacidade de criação de imagens do exterior e do interior do próprio organismo, Damásio chama a atenção (ob. cit., pág. 125) para o facto de Fernando Pessoa se sentir como uma orquestra, afirmando ele:

"Não sei que instrumentos tangem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim".

Damásio entende que tal *sentimento* "é deveras sagaz, pois as construções que nos habitam a mente podem bem ser imaginadas como desempenhos musicais efémeros, tocados por várias orquestras ocultas".

Explica então que os músicos dessas orquestras são as coisas e eventos que vão acontecendo em torno do nosso corpo, presentes ou memorizados, e no seu interior. Os instrumentos são os dispositivos sensoriais (os cinco sentidos) e os que reagem emotivamente: impulsos, motivações e emoções.

3 – Enfim: é espantosa, na verdade, a acumulação de conhecimentos acerca do ser humano, tanto do funcionamento da sua estrutura física como da psíquica.

Podemos concluir que, nesta área se encontram os atributos tradicionalmente integradores do conceito de alma. Ou seja: o conceito de alma, tal como tem sido definido, tem de ser revisitado.

Assim sendo, o que impedirá, um dia, que se implante tal "gnosologia" em cérebros artificiais?

O impulso nesse sentido foi, e está a ser, demasiado aliciante e incontrolável logo que se percebeu que robôs poderão fazer o trabalho manual e até de outra natureza, poupando esforço humano. Pois se, desde que se compreendeu o poder da força e do domínio, os homens começaram a obrigar os vencidos, apesar de seus congéneres, a trabalhar para eles como se fossem *res nullius*, vendáveis, destrutíveis, utilizados a gosto!

E os robôs têm manifestas vantagens. Vejamos características que geralmente lhes são atribuídas:

Amizade fiel, verdadeiramente canina;
Sobredotabilidade cerebral sem riscos de esgotamentos;

Permanente juventude;

Infatigabilidade no trabalho, sem tendência para greves;

Além de outras, inclusivamente sexuais.

Assim, podemos concluir:

Em breve a robótica será posta ao serviço da preguiça e ganância humanas na medida em que esses atributos fazem parte da natureza da raça. Noutra perspetiva, também a imigração o tem sido, especialmente a partir da década de 60, na Europa. A prolifera produção industrial, aliada à baixa natalidade, apelou à imigração, atraiu as populações dos países com excesso de mão de obra.

Os robôs, antropomórficos ou não, substituirão:

Os escassos empregados domésticos que ainda subsistam, como as máquinas de secar e de lavar roupa e louça já há muito o fazem;

Os trabalhadores, geradores de problemas graves com as suas sistemáticas greves, teleologicamente justificáveis ou não;

Os soldados que no campo de batalha expõem as vidas.

Enfim, todas as atividades que, pela sua natureza, envolvam esforço e perigo.

Tudo bem, enquanto as inteligências artificiais não conseguirem formular juízos de valor.

Tudo bem, desde que não haja avarias normais ou malevolamente induzidas.

Tudo bem, se o mundo, segundo receios atribuídos (sem nunca se indicar o local e modo como a afirmação terá sido feita) a A. Einstein, o mundo não tiver uma geração de idiotas, no dia em que a tecnologia ultrapassar a interação humana. Independentemente do verdadeiro autor da afirmação, ela merece ponderação.

Todas as ações robóticas serão excelentes, enquanto as inteligências artificiais não conseguirem formular juízos de valor. Então, tudo bem, desde que não haja avarias normais ou malevolamente induzidas.

Serão os robôs, um dia, capazes de formular juízos de valor?

Face à compreensão que o ser humano

já tem de si próprio, nomeadamente da sua capacidade de ser construtivo ou destrutivo, amigo ou hostil, não haverá Conselhos de Ética que possam obstar à implantação de tal operacionalidade em agentes *criados*.

Por enquanto será utópico sugerir que *agentes criados*, por fabrico, poderão alcançar noção de classe explorada, como aconteceu com os escravos romanos. Em Roma eles já excediam, em número, os patrícios e plebeus todos somados. Os robôs não precisam de muito tempo para suplantarem em capacidades e em número os humanos.

Então o que poderá evitar o aparecimento de um novo Espártaco e, desta vez, talvez com mais possibilidades de êxito? Parafraseando o título de obra interessantíssima do alemão Von Däniken, intitulada "Eram os Deuses Astronautas?", onde se procura explicar muita coisa sem explicação ou atribuída aos deuses como sendo realizadas, afinal, por astronautas, será que poderá alguém ou alguma coisa um dia perguntar:

ERAM OS DEUSES SERES HUMANOS?

Console-nos o facto de tudo isto poder, para já, parecer ficção.

Tudo... decerto que não! A realidade começa a definir-se com espantosa celeridade. É tudo tão perturbador, tão deslumbrante, tão grandioso que, que nos vamos refugiando no conceito de utopia, por comodidade de adaptação mental. Fatal seria ignorar tal evolução.

O *homo sapiens* que se acautele do emergente *homo digitalis* que não falhará tanto, quer no aspeto *positivo*, quer no *negativo*!

Intencionalmente não empregamos os substantivos *bem* e *mal* por os considerarmos conceitos impregnados de sentido tradicional ultrapassado.

O próprio ser humano tende a renovar-se através da substituição de órgãos degradados, não só fazendo recriações a partir de células próprias, as estaminais, como fabricando-os artificialmente. Há muito se utiliza um auxiliar do coração, o *pacemaker* e, recentemente em Portugal, também o *heartmate* com finalidade semelhante. Também já se fabricam corações.

Cá, por enquanto, vão-se fazendo apenas transplantes, mas já, também por cá, se ensaiam rejuvenescimentos ou recriações de órgãos por via de células estaminais.

Isto seria meio caminho andado no sentido da vida eterna, o que poderia ser uma desgraça. Com efeito, a vida é maravilhosa porque é curta e integrada por fases irrepitíveis, vertida num fluir constante a caminho de um fim certo, como as folhas verdes da primavera vão mudando de tom até ao vermelho brilhante, ao castanho vivo, ao amarelo desbotado, prenúncio de fim de ciclo e de integração em tapete humoso, gerador, por seu turno, de vida nova, original.

Enfim: coisas que nunca os deuses imaginaram! Por isso, inquietos, já temem, também eles, as incertezas do futuro. Entretanto, é preciso, é urgente que ocorram grandes mudanças.

Como diz Mário Dionísio:

Nada muda o ser humano não mudar.

Certo é que o homem começou a mudar logo ao descobri que um cacete servia para muita coisa.

O que Mário Dionísio queria dizer é que, agora, a mudança tem de ser mais profunda e célere a nível mental, que isso mesmo impõe a tecnologia. Urge ultrapassar o "primitivismo cósmico", no dizer de Edgar Morin e também Almada Negreiros.

Em que termos?

A resposta tem que ser achada por cada um de nós, prevendo-se que cada cabeça encontrará uma, até que se ache uma plataforma consensual maioritária.

Mas depressa! Que poderá fazer-se tarde!

Conferência no Lisboa Plaza Hotel, realizada no dia 31/10/2018, por iniciativa de Círculo Cultural do Supremo Tribunal de Justiça e Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

*Autor do texto: José Pereira da Graça
Na apresentação foram utilizados imagens, retiradas quase todas da Net
Autora da composição das imagens: Maria Helena Graça*



01.

JANTARES MENSAIS

Realizou-se 1: em Setembro no restaurante "A Valenciana" com um ambiente de boa disposição, com a Serenata de Coimbra pelo Grupo "Porta Férrea", sendo os aniversariantes presenteados com um delicioso bolo de parabéns.



02.

COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra** convidou-nos para a Cerimónia Comemorativa da apresentação do livro "O Colégio da Trindade", que teve lugar no dia 18 de Julho no Colégio da Trindade; para a Cerimónia de Abertura Solene das Aulas do ano letivo 2018/2019, que teve lugar na Sala Grande dos Atos da Universidade de Coimbra no dia 19 de Setembro; e para assistir ao concerto operático

Sansão e Dalila de Camile Saint-Saëns, que se realizou no dia 29 de Setembro no Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra.

◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra e o Director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra** convidou-nos para a cerimónia de doutoramento honoris causa em Letras de Sua Alteza o Xequê Dr. Sultan bin Muhammad Al-Qasimi, que teve lugar

no dia 2 de Outubro Sala Grande dos Atos da Universidade de Coimbra.

◆ **O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra e o Director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra** convidou-nos para a cerimónia de doutoramento honoris causa em Ciências e Tecnologia do Excelentíssimo Senhor Krzysztof Matyjaszewski, que teve lugar no dia 23 de Novembro na Sala Grande dos Atos da Universidade de Coimbra.

03.

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

EM 2018 (De Julho a Dezembro) foram:

Drª. Maria Antónia Martins Carvalho Costa Monteiro
Gomes – Sócia nº 1362

Engº. António Maria Vasconcelos Jardim Fernandes –
Sócio nº 1363

Drª. Barbara Areias Patrão – Sócia nº 1364

04

BIBLIOTECA

A Associação tem o prazer de referir os nomes e amigos que contribuíram para o enriquecimento do Património da nossa Biblioteca com a oferta de livros e publicações periódicas e outra documentação.

Cons. Francisco Chichorro Rodrigues com a generosa oferta de 20 livros .

Cons. Mário José Araújo Torres, Drª. Maria de Fátima Lencastre e Associação dos Pupilos do Exército (Boletim Trimestral).

NOTAS: Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...) Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Julho a Dezembro 2018

FICHA TÉCNICA

CAPA E BATINA

DIRECTOR: A Presidente da Direcção

EDIÇÃO: Associação dos Antigos Estudantes
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: geral@aaec-lisboa.com

INTERNET: www.aaec-lisboa.com

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

PERIODICIDADE: Semestral

TIRAGEM: 600 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS

SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO

ÚLTIMA HORA



ALCINDO AUGUSTO COSTA - DEIXOU-NOS

Alcindo Augusto Costa nasceu na vila de Mogadouro pertencente ao Distrito de Bragança em 1929, licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra 23 anos depois, foi advogado e Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo. Faleceu aos 90 anos, no passado dia 9 de Fevereiro de 2019. Integrou organismos académicos como: Orfeon, Tuna e C.A.D.C.

Foi Vice-Presidente da Direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa desde 1992 até 2016.

A nossa bandeira cobriu o caixão até à partida para a sua última morada.